

Mobilidade convergente: Abordagem sobre a prática e os estudos do jornalismo móvel

Fernando Firmino da Silva¹

Resumo

As transformações no jornalismo na última década evidenciam novas configurações no interior da prática no tocante à produção, ao consumo e às formas de distribuição de conteúdos jornalísticos. A convergência e a comunicação móvel estão entre as esferas desencadeadoras desses processos a partir da emergência de novos suportes, da reestrutura das redações e do uso mais intensivo de tecnologias móveis digitais com conexões sem fio tanto por repórteres para produção quanto pela audiência para o consumo em condições de mobilidade. O jornalismo móvel é uma das modalidades que emerge desse contexto. Analisar suas implicações, contradições e seus desafios é o objetivo central deste artigo.

A produção da notícia em dispositivos móveis

O jornalismo nunca foi tão estudado e explorado como nesta primeira década do século XXI. O impacto das tecnologias digitais sobre os processos de produção, circulação e consumo de conteúdos impôs ao jornalismo (sua natureza, seus produtos, a profissão, a audiência) uma espécie de pauta permanente nas discussões sobre o seu presente e o seu futuro diante das mudanças observadas, principalmente a partir da

¹ Professor titular do Departamento de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. É jornalista, mestre em Ciência da Informação pela UFPB e doutorando em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela UFBA. Faz parte dos Grupos de Pesquisa GPC e GJOL da UFBA e da rede Jortec/SBPJor. Bolsista CNPq. Edita o blog <http://jornalismomovel.blogspot.com> contato fernando.milanni@globoblog.com

emergência do jornalismo digital. Entre as discussões entrelaçadas no contexto podemos agrupar algumas em *tags*, para usar um termo da época, oferecendo uma visualização da complexidade do jornalismo como prática e como objeto de estudo na atualidade, entre as quais temos: convergência, jornalismo móvel, crise no jornalismo, jornalismo participativo/colaborativo, redações integradas, profissionais multitarefas, jornalismo em redes sociais e jornalismo locativo, entre outros temas em ascensão. Destas, o jornalismo móvel, ou a ampliação da relação jornalismo e mobilidade, será nosso foco de atenção nesse artigo por se constituir na percepção de que novos elementos técnicos foram incorporados à produção da notícia como celulares, gravadores e câmeras digitais e/ou computadores portáteis conectados às redes sem fio (*Wi-Fi*, *3G*, *Bluetooth*, *WiMax*ⁱ).

Pensar o jornalismo na atualidade exige perpassar por todos estes elos para compreender não necessariamente seu futuro (incerto), mas para entender a complexidade que se instala atualmente nos grupos de comunicação e no fluxo informacional das redes. Os estudos do campo do jornalismo precisam começar a adentrar o tema do jornalismo móvel como prática e objeto de estudo. Esse olhar sobre a atividade jornalística, tendo tecnologias móveis como ferramentas incorporadas ao processo de apuração, produção e emissão de conteúdo, requer a apreensão conceitual e o acompanhamento deste movimento para que se tenha um estado da arte do cenário. Os grupos de comunicação e os próprios usuários/consumidores estão rapidamente se apropriando da estrutura. Como resultado, temos uma mobilidade convergente centrada na portabilidade dos dispositivos, através da convergência de telefonia, computadores e conexões para um único aparelho - celular ou computadores portáteis - (DEUZE, 2008) que amplia a mobilidade dos repórteres para a produção e a do consumidor de informações numa perspectiva ubíqua (WEISER, 1991). O uso de tecnologias móveis como plataforma de produção e consumo (SILVA, 2009a) ocupa espaços impensáveis há pouco tempo.

Contextualmente, é importante situar que ao longo do século XX, explodiram os estudos e pesquisas sobre os efeitos da comunicação de massa e os processos de construção da notícia (DEFLEUR e BALL-ROKEACH, 1993; WOLF, 2002; MCQUAIL, 2003). A partir da década de 1990 em diante as discussões se deslocaram dos meios massivos para a chamada nova mídia (MANOVICH, 2001), para as manifestações da cibercultura (LE MOS, 2002) ou mais ainda para o enfoque em torno de como “as velhas” e as novas mídias se organizam no tocante a conjuntura em mutação na forma

de *remediation* (BOLTER; GRUSIN, 2002), *mediamorphosis* (FIDLER, 1997) ou de rupturas (BARBOSA, 2007; MANOVICH, 2008).

Dessa conjuntura, situamos a esfera da investigação sobre a produção jornalística nas redações. Os estudos mais sistematizados das rotinas produtivas surgiram no início da década de 1950 dentro da sociologia e da comunicação e continuam sendo ancorados até os dias atuais por pesquisadores e teóricos a partir de uma perspectiva centrada na etnografia ou *newsmaking* (TUCHMAN, 1978; GANS, 1979; TRAQUINA, 2005; VIZEU, 2007; WOLF, 2002; SCHUDSON, 2003; DOMINGO, 2008).

Todavia, com o jornalismo móvel se estruturando como prática nos primeiros anos do século vigente, os estudos empíricos da rotina dos jornalistas tendem a receber novas atenções na compreensão dos processos em desenvolvimento. Em que consiste o jornalismo móvel e como defini-lo? Que impacto representa sobre a prática jornalística e o fluxo de produção? Que reconfigurações associadas à prática identificamos? Que metodologias são adequadas para acerrar o fenômeno?

Além dessas questões, que nos ocuparemos à frente no artigo, é importante situar que as mudanças observadas foram tão intensas e complexas que poderíamos chamar de uma década de jornalismo de “refluxo” devido ao mal-estar causado pela incorporação (muitas vezes por osmose) de novas ferramentas, conceitos, formas distintas de trabalhar, novos produtos, busca de novos modelos de negócios, nova relação com a audiência. O jornalismo não conseguiu se “alimentar” de tantas ferramentas que impactavam o seu interior causando mal-estar, forte rejeição e tentativa (ilusória) de expulsão de uma espécie de corpos estranhos ao seu funcionamento secular baseado nos meios de comunicação de massa (jornais, rádio, televisão). Jenkins (2006), Anderson (2004), Meyer (2007), Keen (2007) demonstram, em diversas perspectivas, o impacto das redes e configurações digitais sobre o jornalismo e sobre a indústria do entretenimento (cinema, música, televisão). Para Lemos (2007) as mídias com funções pós-massivas baseadas em blogs, microblogs e outras formas de liberação do pólo emissor modificam a paisagem midiática com a utilização de tecnologias em redes sem fio para a prática de atividades artísticas, políticas e comunicacionais. Portanto, o jornalismo móvel encontra-se nesse entorno.

Na sequência iremos analisar e tentar compreender o fenômeno procurando estabelecer sua dimensão. É factível a carência de pesquisas em torno da abordagem do tema como prática e como objeto de estudo.

Jornalismo móvel: mobilidade líquida?

Bauman (2001), no uso da metáfora da fluidez e liquidez para definir os tempos atuais ("modernidade líquida"), expressa conceitualmente as características de mutação que modificam a forma de maneira constante: "os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade" (p.8). Essa metáfora pode ser aplicada ao jornalismo móvel e sua dinâmica de fluidez da produção ou da aderência de diferentes aplicações móveis e da Web, além dos dispositivos portáteis que permitem a prática do jornalismo de forma móvel, transmutada pela representação do repórter se utilizando da portabilidade e da mobilidade. "Associamos 'leveza' ou 'ausência de peso' à mobilidade e à inconstância: sabemos pela prática que quanto mais leve viajamos, com maior facilidade e rapidez nos movemos" (BAUMAN, 2001, p.8). Castells e et al (2006, p.127) também pensam assim: "los aparatos móviles son personales, portátiles, y se puede caminar con ellos"

Para Aguado (2009) estaríamos diante de um meio líquido centrado na comunicação móvel ou até mesmo de um ecossistema midiático líquido trazido pela trajetória dos dispositivos móveis como meio de produção, recepção e do exercício da multitarefa mantido 24 horas ao lado dos seus usuários. Observamos, portanto, uma rede de definições e enquadramentos que nos coloca diante da complexidade da natureza do jornalismo contemporâneo. A primeira década do século, sem sombra de dúvidas, reconfigurou todo um cenário com a abertura de novas possibilidades até então inexistente para o desenvolvimento de práticas associadas às condições de mobilidade. Mas, também, é preciso situar os problemas decorrentes da emergência e profusão das tecnologias móveis e seus congêneres. Um olhar sobre como o jornalismo se comporta em relação à introdução destas ferramentas à sua prática vai nos revelar as consistências e inconsistências dessa operacionalidade.

Sendo assim, podemos definir operacionalmente jornalismo móvel como a articulação da produção, da distribuição ou do consumo de informação jornalística em condições de mobilidade - pelo agente produtor e/ou agente consumidor - a partir do uso dessas tecnologias móveis digitais e conexões de rede sem fio (SILVA, 2009b). No nosso entender a prática jornalística se reconfigura com as novas ferramentas à medida que um repórter pode, utilizando, por exemplo, um celular ou notebook, capturar imagens e vídeos, editá-los e enviá-los do local do acontecimento para a redação/website ou até mesmo realizar transmissões ao vivo de um celular por meio

da tecnologia de terceira geração (3G) via aplicações de *streaming* como *Qik*ⁱⁱ, que permite entradas ao vivo. Outros autores também compartilham da mesma construção: “The term [mobile journalism] has been loosely applied to describe a journalistic practice based on reporters equipped with portable multimedia newsgathering equipment.” (CAMERON, 2009). Ou ainda a definição ampliada de Vääätäjä, Männistö, Vainio e Jokela (2009, P.179):

We define mobile journalism to be journalism characterized by the usage of handheld mobile multimedia devices in mobile context to retrieve, gather, capture, produce, and/or edit as well as to wirelessly send and/or publish journalistic material, like text, photos, audio, video or their combinations. Ideally all the tasks would be performed with a single device.

Os tempos atuais se caracterizam pela natureza líquida (BAUMAN, 2001) ou de multiplataformas (JENKINS, 2006), pelas quais transita o próprio jornalismo móvel com a emergência dos celulares como plataforma. Jenkins (2006), ao pensar as narrativas transmidiáticasⁱⁱⁱ, direciona-se aos produtos midiáticos ou da indústria do entretenimento, mas o conceito pode ser transposto para o próprio jornalismo e sua complexidade em desenvolver modelos em articulação com a pauta que pense a distribuição por diversos suportes. O jornalismo móvel encontra-se nesse ambiente com interferência no processo de trabalho jornalístico, tendo em vista o aumento exponencial do número de dispositivos móveis à disposição dos repórteres para distribuição multiplataforma.

The selection of devices a journalist uses in his or her work is changing rapidly. Sophisticated mobile multimedia computers or camera phones are at the core of this development. These devices (e.g. the Nokia Nseries) can be used in a way where one single device is employed in multiples purposes within the journalistic work process. In making an article, an all-in-one device can be utilized, for example, in the following tasks: as a phone (making arrangements), as a recorder (making audio or video recording of the in interview), as a camera (skills or video for the article), as a computer (writing and storing the text with the help of an external bluetooth keyboard), as an internet-tool (for gathering information) and as a mailing tool (sending the material to the editor or straight to the web/blog). (VÄÄTÄJÄ; MÄNNISTÖ; VAINIO; JOKELA, 2009, p.179).

Mitchelstein e Boczkowski (2009), num artigo que analisa a produção de notícias online, apontam quatro aspectos referentes às transformações na prática jornalística: modificações no fluxo de trabalho editorial, alterações na prática de apuração, aceleração dos padrões de produção de conteúdo e convergência dos impressos, rádio, televisão e outros suportes online. Os estudos sobre o jornalismo digital ou a relação entre as redações online e impressa evidenciam estas mudanças da prática jornalística a partir da concepção de um profissional multi-tarefa, a introdução de tecnologias digitais móveis (notebooks, celulares, gravadores digitais e conexões sem fio) e uma nova forma de pensar a produção, agora mais vinculada a distribuição multi-plataformas. Estas novas atividades estão relacionadas ao processo de convergência ou da noção de jornalismo integrado (SALAVERRÍA; NEGREDO, 2008).

Adentrar as redações para acompanhar as rotinas e delimitar estes novos espaços, conflitos e configurações é fundamental para os estudos de jornalismo no sentido de entender etnograficamente com observações *in loco*, entrevistas em profundidade ou outro método como o comportamento dos profissionais está se alterando, como estes novos produtos são construídos, que modificações são identificadas nas rotinas produtivas^{iv}. O jornalismo móvel é uma das novas modalidades que ressignifica a prática jornalística nesse ambiente. Para Bradshaw (2009) o jornalismo móvel pode ser pensado em quatro aspectos estruturais: *hardware, the software, the systems* e *the mindset* (figura 1). Aqui temos mais proximamente a questão de infra-estrutura para a prática na qual poderemos acrescentar outras camadas para teorizar e problematizar.

FIGURA 1 – JORNALISMO MÓVEL: estrutura técnica e estratégia de funcionamento

Hardware	The Software	The Systems	The mindset
-Smartphone with camera, video, audio, unlimited data plan -Digital camcorder, e.g. Flip, Kodak Zi8 -Digital dictaphone or Zoom -Portable mic -Portable mini tripod? -Batteries (including extra mobile phone battery) -Extension lead – and chargers -Portable chargers, e.g. solar -Bluetooth keyboard -Mifi and/or 3G dongle -Eyefi card -Wifi laptop or netbook with webcam	-Apps for your phone and services you can email or text to. Good ones include... -Shozu -Spinvox – blog via voice -iBlogger -Audioboo -Twitterfone -Twitvid -Twibble – GPS twitter updates -Zyb – synchronise contacts and calendar -Opera Mini; on iPhone use bookmarklets on Safari like 'Read Later', 'Post with Tweetie', 'Save to Delicious', 'Share on Tumblr' -Qik, Bambuser, 12seconds – streaming video -Posterous – blog via email -ZoneTag – geotag images -JoikuSpot – create wifi hotspot from 3G phone -Google Maps	-Email must be set up – more than one account as backup (Google Mail occasionally goes down) -Useful phone no.s, e.g. Twitter, Twitterfone -Useful emails, e.g. Twitpic, YouTube, Twittermail, Facebook, Posterous etc. -Map of wifi hotspots -Map of mobile and 3G coverage -Blog via email or text – Postie plugin/Posterous/app/etc. -Pulling RSS feeds from Twitter/Flickr/YouTube/Posterous/Tumblr/Google Docs -Embedded players for livestreaming/liveblogging -Geotagging information for mapping -Mashups -Preparation: web-based video/audio/image editors -Collaboration – preparing the users, hashtags, tweeting, feedback	- Always-on' approach – tweet on the go; share images; stream quick video. Think humour, art, quirky, as much as 'news'. Prepare yourself and users for when you need it. -Play with new mobile tools – follow TechCrunch etc. -Try out mobile apps - Find the stories that are not online - Be part of a mobile community – follow people like @documentally @alisongow @illicco @patphelan @moconews -Be creative with mobile, not formulaic: the rules aren't written yet

Fonte: BRADSHAW, Paul. *What does a mobile journalist need?*^v

O jornalismo móvel não é característica própria dos tempos contemporâneos porque a relação jornalismo e mobilidade ocorre desde a própria existência do jornalismo como prática de coleta e transmissão de informação. Entretanto, a configuração atual, movida pela estrutura móvel de comunicação, torna-o distinto, rompe com uma estrutura tradicional porque pela primeira vez permite a emissão de conteúdo em mobilidade, a partir de um dispositivo móvel, portátil e com conexão online. Esta é uma característica particular desta primeira década para o jornalismo móvel estabelecida pela emergência das tecnologias móveis digitais e as aplicações de *streaming* (Kyte, Qik, Movino) que permitem o surgimento de um ambiente móvel de produção (SILVA, 2009b) ou de um território informacional (LE MOS, 2007).

Isto implica em perceber que esta estrutura vai mexer também com a prática jornalística. Para alguns autores essa concepção de jornalista com múltiplas funções vai acarretar uma série de consequências para o profissional e para a qualidade da notícia produzida. É o que compartilha Jorge, Pereira e Adghirni (2009, p.85) de que “o profissional de jornalismo que as empresas estão buscando é mesmo o superjornalista, o hiperjornalista”. Os autores descrevem uma cena que retrata o jornalista como uma espécie na qual recaem superpoderes a partir da parafernália digital carregada:

Do bolso direito do colete, ele retira uma câmara e começa a filmar. Algumas vezes para e saca fotos com o mesmo aparelho. No bolso esquerdo, carrega um palmtop e uma caneta. A tiracolo, um pequeno notebook. E, no cinto, outros apetrechos, como pilha e bateria, cartão eletrônico, cartão de crédito, gravador digital, binóculo e celular (JORGE; PEREIRA; ADGHIRNI, p.85, 2009).

Estas ferramentas introduzidas na rotina de um jornalista multimídia ou jornalista móvel^{vi} vai desencadear numa produção multiplataforma exigindo um profissional multitarefa com habilidade de lidar com diversas tecnologias digitais dentro de um fluxo de produção mais aberto e dinâmico que, por sua vez, forçará o profissional a responder com mais agilidade ao processo de distribuição de conteúdos ainda durante a etapa de apuração e produção como transmissão ao vivo para a web ou para um canal de tv via celular 3G, envio de parciais da produção em forma de flashes textuais, imagéticos ou de vídeos entre outras condições impostas. É uma mudança de fluxo e de rotina.

Esta processualidade se apresenta com mais ênfase em situações de emergência, onde também atuam os chamados “Repórteres de Ocasão” (AZAMBUJA, 2009) centrado em cidadãos presentes em cenas de conflitos e de grande impacto em

termos de noticiabilidade. Para Kischinhevsky (2009) esse cenário midiático afeta negativamente o fazer jornalístico à medida que aumenta a “lista de instrumentos de trabalho” como “blocos de notas, gravador, câmera fotográfica, câmera de vídeo, telefone celular de terceira geração, computador portátil...” (KISCHINHEVSKY, 2009). Ainda acrescenta: “Com um mercado de trabalho redesenhado pelas novas TICS e pela precarização, ganha espaço o discurso da inevitabilidade da convergência e da necessidade de se investir em profissionais com múltiplas habilidades(*multiskilled*)” (p.67).

Entretanto, Del Bianco (2009, p.239) ressalta que essa mutação no jornalismo não é de hoje e é parte inerente do processo, como no caso do radiojornalismo com a transição ocorrida nos gravadores de áudio para reportagem. “Um dispositivo técnico contribuiu para essa mudança [da reportagem de rua]: o gravador portátil que substituiu o gravador de rolo usado em externas”. Para Del Bianco (2009, p.239), a mobilidade dos repórteres de rádio começa nesse período de adoção de tecnologia portátil.

Na década de 50, os gravadores de fita de rolo eram grandes, pesados e movidos à bateria. Para manuseá-los, era necessária a presença de um técnico. As limitações técnicas do aparelho dificultavam a mobilidade e a agilidade do repórter no campo do acontecimento. O gravador cassette portátil alterou esse quadro. O repórter podia colher o depoimento da fonte não apenas para repassar a informação em outras palavras, mas para gravar a entrevista e retransmiti-la aos ouvintes com mais agilidade.

Essa característica dos gravadores portáteis analógicos já foi superada pelo gravador digital ou pelos gravadores incorporados nos próprios celulares. E, diferentemente daqueles, tem-se agora a potencialização da *emissão* diretamente do local através das redes digitais ou do próprio celular, inclusive a disponibilização em *podcasts*. Dois movimentos de inovação tecnológica ocorriam em paralelo. De um lado, os rádios de pilha como aparelhos de *recepção* e tão somente disto; por outro lado, os gravadores portáteis analógicos de *produção* de conteúdo e tão somente isto. Mesmo sendo dispositivos portáteis não mantinham a integração de suas plataformas num único equipamento. Com o surgimento dos celulares digitais multimídia os repórteres passaram a ter num mesmo dispositivo os aspectos de *recepção* (rádio), *produção* (gravador digital) e *emissão* (centrado nas conexões sem fio).

Este último aspecto, o de *emissão*, consideramos o maior diferencial porque permite a mobilidade/ubiquidade para o envio do material produzido. Além dessas

características macros, podemos salientar uma infinidade de outros recursos agregados aos celulares estilo *smartphones* ou *palms* como GPS, navegadores de Internet, memória interna de armazenamento com capacidades crescentes, editores de texto e de audiovisual e um conjunto de aplicações cada vez mais específicas e customizáveis para as atividades de cunho jornalístico acionadas principalmente em situações de emergência (conflitos, guerras, acidentes).

Guerras, tecnologias e jornalismo

Apesar de considerarmos que toda essa estrutura se consolidou na década de 2000, devido a visibilidade mais objetiva de sua rápida expansão, há um contexto evolutivo ao longo da história que nos ajuda a comparar e estabelecer relações desse processo e seus reais impactos. O jornalismo e a mobilidade como categoria remete a vários momentos das coberturas de grande repercussão como as guerras e das ações das próprias agências de notícias em noticiar o mais próximo possível do instante em que os acontecimentos ocorrem. Portanto, há uma relação intrínseca entre coberturas de guerra e tecnologias introduzidas no jornalismo. A noção de jornalismo móvel como conceito da prática contemporânea situa-se como mais recente por estar vinculada às tecnologias móveis digitais, que mantêm as raízes vinculadas a esse processo de evolução contextual.

O Newseum, museu da imprensa dos Estados Unidos, elaborou um documento catalogando a relação estreita entre as reportagens de guerra e as tecnologias usadas ao longo do tempo. Na Guerra Civil Americana, por exemplo, foram utilizados a fotografia e o telegráfo para registro dos acontecimentos; na Primeira Guerra Mundial, o filme e o telégrafo sem fio; na Segunda Guerra Mundial, cinejornais e rádio; na Guerra da Coréia, cinegrafistas de reportagem para televisão; na Guerra do Vietnã, televisão; na Guerra do Golfo Pérsico, satélites; e no conflito da Bósnia/Kosovo, celulares com satélites e câmeras digitais. (NEWSEUM, 2009). Mais recentemente, nos atentados de Madri (2004) e Londres (2005), os celulares e as câmeras digitais ocuparam definitivamente o seu espaço nas coberturas até mesmo através das apropriações desse aparato por amadores.

As wars take place the media race to cover them. The speed of news from the front increases as the technology available to the media improves. In the age of field reporting, correspondents send their stories in by telegraph. Photographs and newsreels emerge as a new

means of telling the story. In the age of broadcast journalism radio develops into a new news medium. Television makes its debut sending images of war into American homes. In the digital age of journalism news is instantaneous. Satellites, cell phones, and digital cameras overcome the difficulties of reporting from battlefield (NEWSEUM, 2009, n/p).

Ainda dentro dessa construção relacional, a tese de Silva Junior (2006, p.259) reconstitui as tecnologias do sistema de transmissão de informações adotadas pelas agências de notícias desde o telegráfo a cabo terrestre (1847) até o uso de redes de dados sem fio (na primeira década de 2000). Neste percurso temos o telegráfo a cabo terrestre (1847), cabos submarinos (1851), telégrafo por rádio (1923), telex (1930), satélite (1962), terminais eletromecânicos em rede (1964), terminais de vídeo em rede (década de 1970), redes de dados privados (1993), dados via satélite (1987), terminais digitais em redes privadas (1994), Internet (1995), redes de dados sem fio (década 2000's). A partir de 2007, uma das mais importantes agências de notícias do mundo, a *Reuters*, começou a adotar conexão sem fio 3G e Wi-Fi para transmissão de suas reportagens através do projeto *Mobile Journalism*^{vii}, onde os repórteres adotaram um kit constituído por um celular Nokia N95, microfone externo, teclado blueetooth e um tripé para as gravações com a câmera de 5 megapixels.

Portanto, esses usos não são verificados apenas em períodos de guerras. Atualmente o uso de dispositivos móveis está disseminado na rotina diária dos jornalistas para coberturas de matérias factuais a de grande impacto. Os atuais equipamentos digitais estariam prontos para cobertura de qualquer guerra porque oferecem todos os recursos necessários que antes eram buscados em tecnologias anteriores. Notamos que agora são utilizadas para as coberturas das guerras diárias do *deadline* dos grandes centros urbanos.

Nesse sentido, verificamos experiências que, empiricamente, demonstram como esses dispositivos vêm sendo incorporados à prática jornalística. O programa Jornal da Record, por exemplo, ilustra uma dessas situações. No período de 14 a 19 de setembro de 2009, o programa exibiu uma série de reportagem, denominada "Deixa que eu filmo"^{viii} (figura 1), realizada exclusivamente a partir de um aparelho celular *Nokia N95*. Durante 40 dias o repórter Vinicius Dônala trabalhou na série exibida na *TV Record*. A particularidade está no uso de celular em vez de câmeras convencionais. Para aproximar das condições reais de uma equipe jornalística de tv foram

desenvolvidos alguns acessórios para uma melhor apropriação para a prática como relatado em matéria^{ix} do portal da Record:

A nova série do Jornal da Record [...] apresenta uma matéria exclusiva realizada com um aparelho de telefone celular. A equipe de reportagem da Record desenvolveu uma grua (espécie de guindaste utilizado em gravações, para movimentação da câmera em tomadas de cena do alto) e acoplou um telefone celular na ponta de um cano de PVC para realizar a captação das imagens e também para gravar as passagens (momento que o repórter aparece na matéria) de Vinícius Dônala.



Figura 1 –Primeira série de reportagem brasileira gravada exclusivamente num celular

Outro caso do uso de tecnologias móveis digitais conectadas no jornalismo é dos Repórteres 3G^x (figura 2) do jornal *Extra* online e impresso, do Rio de Janeiro. Os repórteres produzem áudio, vídeo e outros conteúdos em mobilidade. A partir de um formato denominado "multimídia flash" as atualizações ocorrem em tempo real. Os repórteres utilizam celulares Nokia N95 diariamente, além de notebooks, todos com conexão 3G (tecnologia de terceira geração) que permite o envio da produção ou

entradas ao vivo direto do local do acontecimento. Como complemento, alguns acessórios fazem parte do kit dos repórteres móveis. Para dar vazão ao fluxo de produção do online e impresso foi instituído o cargo de editor multiplataforma do Extra que define as estratégias para o trabalho do repórter 3G.



Figura 2 –Repórteres 3G do Extra e a reportagem em mobilidade. Fonte: reprodução^{xi}

Essas experiências da Record e do Extra, além de outras em grupos de comunicação que se utilizam do jornalismo móvel para a produção jornalística como o JC Online (Recife), A Tarde Online (Salvador), demonstram a expansão no uso das tecnologias móveis conectadas para transmissão ao vivo ou produção de conteúdo a partir da valorização da questão da mobilidade e dos aspectos de instantaneidade e ubiquidade.

Considerações finais

O mapeamento das experiências de jornalismo móvel aponta para o crescimento de sua adoção através da incorporação dos dispositivos de comunicação móvel^{xii} na produção jornalística e no consumo em mobilidade de notícias. O fenômeno ainda carece de mais aproximação teórica para definições e compreensão propriamente dita do seu desenrolar no interior da prática jornalística. Alguns pontos podem ser estabelecidas considerando o panorama apresentado no artigo. Primeiro: há, de fato, uma estrutura móvel à disposição de repórteres para reportagens de campo que possibilita o desenvolvimento de todo o processo de apuração, produção e emissão dos conteúdos em condições de mobilidade; segundo: essa mesma estrutura pode estar disponível para a audiência do ponto de vista de recepção de todo o tipo de conteúdo jornalístico (áudio, vídeo, imagens, textos, emissoras de rádio e televisão, SMS).

A lógica, portanto, por trás do jornalismo móvel, estar em estabelecer uma mobilidade líquida, fluída de toda uma produção jornalística que, por sua vez, vai mexer com a rotina de atividades dos repórteres num trabalho com perspectiva multitarefa em um ambiente de convergência jornalística em processo de estruturação nos grupos de comunicação. Entendemos que é nesta encruzilhada entre a comunicação móvel e a convergência que o fenômeno deva ser estudado para proposta de uma definição mais apropriada, a identificação das potencialidades e conflitos por trás do uso dos dispositivos móveis e até mesmo a construção de modelos para pensar a prática ou o estudo do jornalismo móvel como modalidade.

A primeira década do século funcionou como parâmetro para o desenvolvimento das tecnologias móveis digitais, conexões sem fio e das experiências que oferecesse as condições as quais analisamos no artigo. A projeção de como o cenário se configurará daqui em diante ainda é incerto, mas, baseado no que temos, é provável que a prática do jornalismo móvel transponha-se de uma tendência para uma rotina diária nos grupos de comunicação e nas apropriações de usuários considerando a melhoria crescente das interfaces dos dispositivos, o crescimento da banda larga móvel e o desenvolvimento de aplicações móveis cada vez mais sofisticadas e flexíveis para as necessidades do jornalismo a partir de ou para celular.

Referências

- AGUADO, Juan Miguel. **De La quarta pantalla al medio líquido**. Concepciones divergentes sobre la integración del medio móvil en el ecosistema mediático. Disponível em <http://jornalismo-e-redes-moveis.ubi.pt/wp-content/uploads/2009/11/EL-MEDIO-L%C3%8DQUIDO.swf> acesso em 30 nov. 2009
- ANDERSON, Chris. **A cauda longa (the long tail)**. Do Mercado de massa para o mercado de nicho. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006
- AZAMBUJA, Grace Kelly Bender. **As tecnologias móveis de comunicação e as apropriações pelos "Repórteres de Ocasão"**: novas dinâmicas emergentes nos espaços públicos. In: VII SBPJor (CD-ROOM). São Paulo-SP/Brasil, novembro de 2009.
- BARBOSA, Suzana. **Jornalismo digital em banco de dados (JDBD)**: um paradigma para produtos jornalísticos digitais dinâmicos. (Tese doutorado). FACOM/UFBA, 2007
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001
- BRADSHAW, Paul. **What does a mobile journalist need?** Disponível em <http://onlinejournalismblog.com/2009/10/21/what-does-a-mobile-journalist-need/> acesso em 21 out. 2009
- BOLTER, David; GRUSIN, Richard. **Remediation** – understanding new media. California: MIT Press, 2002
- CAMERON, David. **Mobile journalism: A snapshot of current research and practice**. Disponível em <http://theendofjournalism.wdfiles.com/local--files/davidcameron/David%20Cameron.pdf> acesso em 14 mar. 2009
- CASTELLS, Manuel; ARDÈVOL, Mireia Fernández; QIU, Jack Linchuan; SEY, Araba. **Comunicación móvil y sociedad**. Barcelona: Ariel e Fundação Telefônica, 2006
- DE-FLEUR, Melvin L.; BALL-ROKEACH, Sandra. **Teorias da comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993
- DEL BIANCO, Nelia L. **O processo de mutação da produção do radiojornalismo**. In: SOSTER, Demétrio de Azeredo; SILVA, Fernando Firmino da. Metamorfoses jornalísticas 2: a reconfiguração da forma. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009
- DEUZE, Mark. **Media Work** (Digital Media and Society Series). Cambridge-UK: Polity Press, 2008
- DOMINGO, David. **When immediacy rules: online journalism models in four Catalan online newsroom**. PATERSON, chris. DOMINGO, David (orgs.). Making Online News - the ethnography of new media production. New York: Peter Lang, 2008

- FIDLER, Roger. **Mediamorphosis** - understanding new media. Thousand Oaks, Califórnia: Pine Forge Press, 2007
- GANS, Herbert. **Deciding what's news**. A study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time. New York: Pantheon Books, 1979
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008
- JORGE, Thais de Mendonça; PEREIRA, Paulo Henrique; ADGHIRNI, Zélia Leal. **Jornalismo na Internet: desafios e perspectivas do trinômio formação/universidade/mercado**. In: RODRIGUES, Carla. *Jornalismo online: modos de fazer*. Rio de Janeiro: Ed.PUC-Rio : Editora Sulina, 2009
- KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Convergência nas redações: mapeando os impactos do novo cenário midiático sobre o fazer jornalístico**. In: RODRIGUES, Carla. *Jornalismo online: modos de fazer*. Rio de Janeiro: Ed.PUC-Rio : Editora Sulina, 2009
- KEEN, Andrew. **The Cult of the amateur: how today's internet is killing our culture**. New York: Currency Book, 2007.
- LEMONS, André.. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002
- LEMONS, André. **Cidade e mobilidade. Telefones celulares, funções pós-massivas e territórios informacionais**. Revista MATRIZES n.1 out. 2007
- MATHESON, Donald; ALLAN, Stuart. **Digital war reporting** - digital media and society series. Cambridge, UK: Polity Press, 2009.
- MEYER, Philip. **Os jornais podem desaparecer?**. São Paulo: Contexto, 2007
- MCQUAIL, Denis. **Teoria da comunicação de massas**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003
- MITCHELSTEIN, Eugenia; BOCKZOWSKI, Pablo J. Between **tradition and change**: a review of recent research on online news production. *Journalism*, vol. 10(5): 562-586, 2009
- MANOVICH, Lev. **The language of New Media**. Cambridge: MIT Press, 2001.
- NEWSEUM. **War reporting and technology**. Disponível em <http://www.newseum.org/warstories/technology/flash.htm> acesso em 14 out. 2009
- SALAVERRÍA, Ramón; NEGREDO, Samuel. **Periodismo integrado – convergencia de medios y reorganización de redacciones**. Barcelona: Sol90Media, 2008
- SCHUDSON, Michael. **Discovering the news: a Social History of American Newspapers**. New York: Basic Books, 1978

- SILVA JUNIOR, José Afonso da. **Uma trajetória em rede**: modelos e características operacionais das agências de notícia, das origens às redes digitais, com três estudos de caso. UFBA (dissertação), 2006
- SILVA, Fernando Firmino da. **Mobile technologies as production platforms in Brazilian journalism**. Wi: The Journal Mobile Media (Canadá).2009a. Disponível em <http://wi.hexagram.ca/?p=58> acesso em 6 de agosto 2009a
- SILVA, Fernando Firmino da. **Reportagem com celular: a visibilidade do jornalismo móvel**. In: SÓSTER, Demétrio de Azeredo; SILVA, Fernando Firmino da (Org.). Metamorfoses jornalísticas 2 - a reconfiguração da forma. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009b
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo** – porque as notícias são como são. Vol. 1. Florianópolis: Insular, 2005a
- TUCHMAN, Gaye. **Making news: a study in the construction of reality**. New York: Press. 1978.
- VÄÄTÄJÄ, Heli; MÄNNISTÖ, Anssi; VAINIO, Teija; JOKELA, Tero. **Understanding user experience to support learning for mobile journalist's work**. IN: GUY, Retta. The evolution of mobile teaching and learning. Santa Rosa-Califórnia: Information Science Press, 2009.
- VIZEU, Alfredo. **O newsmaking e o trabalho de campo**. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. Metodologia de pesquisa em jornalismo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007 p.223-236
- WOLF, Mauro. **Teoria da comunicação**. Lisboa: Presença, 2002
- WEISER, Mark. **The computer for the 21st century**. in Scientific American, January, 1991

ⁱ As redes sem fio se caracterizam e se diferenciam pelo alcance e capacidade de tráfego de dados. Enquanto as redes Wi-Fi têm um menor alcance (poucos metros), as redes WiMax são de longo alcance (quilômetros) e mais capacidade de transmissão de dados. Já a tecnologia sem fio 3G (terceira geração) é vinculada à cobertura das operadoras de celular.

ⁱⁱ Aplicação para celulares que permite transmissões ao vivo, compartilhamento dos vídeos e a localização geográfica do conteúdo em mapas. Disponível em <http://qik.com> acesso em 10 out. 2009

ⁱⁱⁱ A noção de narrativas transmidiáticas de Jenkins (2006) se constitui numa distribuição cumulativa e não repetitiva de uma história por diversos suportes midiáticos ampliando suas possibilidades de leitura e de interação. Para ele, cada suporte se complementa na totalidade considerando uma distribuição.

^{iv} Nossa pesquisa doutoral no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas na Universidade Federal da Bahia — UFBA perpassa algumas destas questões relacionadas à observação das rotinas com a introdução das tecnologias móveis digitais e de conexões sem fio visando compreender as alterações em torno desse contexto. Para isso uma abordagem etnográfica com estudos de casos foi construída.

^v Disponível em <http://onlinejournalismblog.com/2009/10/21/what-does-a-mobile-journalist-need/> acesso em 21 out. 2009

^{vi} É importante diferenciar o jornalista multimídia de um jornalista móvel. Apesar de a diferença ser tênue é necessário estabelecer que o principal aspecto que define um jornalista móvel é a questão da mobilidade exercida na prática, o que nem sempre ocorre com um repórter multimídia.

^{vii} Disponível em <http://www.guardian.co.uk/media/pda/2007/oct/23/reutersmojoexperimentswith> acesso em 11 nov. 2007

^{viii} Disponível em <http://www.rederecord.com.br/programas/jornaldarecord/series.asp?id=3524> acesso em 11 set. 2009

^{ix} Disponível em <http://www.rederecord.com.br/programas/jornaldarecord/series.asp?id=3524> acesso em 11 set. 2009

^x Disponível em <http://oglobo.globo.com/blogs/tecnologia/posts/2009/08/10/reporter-do-passado-agora-reporter-3g-207698.asp> acesso em 10 ago. 2009

^{xi} Disponível em <http://fabiogusmaojornalismo3g.blogspot.com/2009/08/uma-nova-era-experiencia-do-reporter-3g.html> acesso em 20 out. 2009

^{xii} Para acompanhar mapeamento de experiências do jornalismo móvel nos conglomerados de mídias e na rede digital acesse o blog de pesquisa <http://jornalismomovel.blogspot.com>